



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

LÉIA CAROLINE DE SOUZA BEZERRA

**RECONFIGURAÇÃO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: ANÁLISE DO
PODCAST “PRAIA DOS OSSOS”**

**CAMPINA GRANDE
2023**

LÉIA CAROLINE DE SOUZA BEZERRA

**RECONFIGURAÇÃO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: ANÁLISE DO
PODCAST “PRAIA DOS OSSOS”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Investigativo

Orientador: Prof. Dr. Antônio Simões Menezes

**CAMPINA GRANDE/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574r Bezerra, Leia Caroline de Souza.
Reconfiguração do jornalismo investigativo: análise do podcast "Praia dos ossos". [manuscrito] / Leia Caroline de Souza Bezerra. - 2023.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio Simões Menezes, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Podcast. 2. Praia dos ossos. 3. Jornalismo investigativo.
4. Reconfiguração. 5. Radio novela. I. Título

21. ed. CDD 070.43

LÉIA CAROLINE DE SOUZA BEZERRA

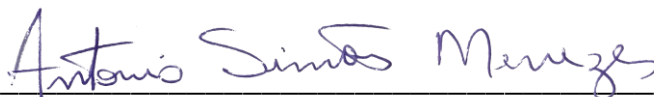
RECONFIGURAÇÃO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: ANÁLISE DO PODCAST
“PRAIA DOS OSSOS”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Jornalismo.

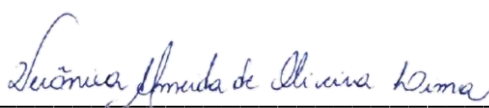
Área de concentração: Jornalismo
Investigativo

Aprovada em: 30/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Simões Menezes (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Mo. Leonardo da Silva Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eu dedico esse trabalho a todos que me ajudam a ser uma pessoa e profissional melhor todos os dias.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 O QUE É JORNALISMO INVESTIGATIVO	6
3 PODCAST E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	10
3.1 DIFERENÇAS ENTRE PODCAST E RÁDIO.....	11
4 ANÁLISE PRAIA DOS OSSOS.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

RECONFIGURAÇÃO DO JORNALISMO INVESTIGATIVO: ANÁLISE DO PODCAST “PRAIA DOS OSSOS”

RECONFIGURATION OF INVESTIGATIVE JOURNALISM: ANALYSIS OF THE "PRAIA DOS OSSOS" PODCAST

BEZERRA, Léia Caroline de Souza¹

RESUMO

Este artigo analisa o podcast "Praia dos Ossos", um podcast brasileiro idealizado pela Rádio Novelo, que narra e reconta um caso de feminicídio ocorrido 40 anos atrás. O presente trabalho tem como intuito entender se o objeto ajuda a reconfigurar a forma de fazer jornalismo investigativo, por meio de uma análise descritiva. E para isso é necessário compreender como o jornalismo investigativo se aplica na construção do podcast, usando recursos que o configuram como tal, como o método utilizado para a apuração, produção e publicação do conteúdo. Para recontar a história, foi criada uma linha do tempo de pesquisa, antes do crime, da morte e o que aconteceu após. Esses momentos foram separados por leitura de documentos oficiais, processos, laudos, reconstrução de eventos, entrevistas, edição, até chegar às plataformas digitais. Para tanto, os pressupostos teóricos utilizados foram baseados em autores como Leandro Fortes (2005), Cleofe Monteiro (2005), Traquina (2005), entre outros. O resultado da pesquisa indica uma reconfiguração parcial dos modos de fazer jornalismo investigativo.

Palavras-chave: Podcast; Praia dos Ossos; Jornalismo Investigativo; Reconfiguração; Rádio Novelo.

ABSTRACT

This paper analyzes the podcast "Praia dos Ossos", a Brazilian podcast created by Radio Novelo, which narrates and retells a case of femicide that happened 40 years ago. This work aims to understand if the object helps to reconfigure the way of doing investigative journalism, through a descriptive analysis. And for that it is necessary to understand how investigative journalism is applied in the construction of the podcast, using resources that configure it as such, such as the method used for the research, production and publication of the content. To retell the story, a research timeline was created, before the crime, the death, and what happened after. These moments were separated by reading official documents, processes, reports, reconstruction of events, interviews, and editing, until reaching the digital platforms. For this, the theoretical assumptions used were based on authors such as Leandro Fortes (2005), Cleofe Monteiro (2005), Traquina (2005), among others. The result of the research indicates a partial reconfiguration of the ways of doing investigative journalism.

Keywords: Podcast; Bone Beach; Investigative Journalism; Reconfiguration; Rádio Novelo.

¹ Aluna da graduação de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I*.
E-mail: leiamarquess12@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O setor de produção com relação a crimes reais é uma área que abrange diversos mercados. A violência é uma área que gera interesse na produção de produtos midiáticos para o público, como documentários, filmes, podcasts e séries. No Brasil, a produção sobre casos de crimes não é uma novidade no mercado. E algo que alavanca o interesse popular pelo segmento é a forma como o jornalismo investigativo, da vida real, fabrica e veicula esse tipo de conteúdo.

E o jornalismo investigativo tem como principal objetivo desvendar e contar fatos acontecidos, sua apuração é feita de uma forma aprofundada, demanda mais tempo para ser executada. Uma das características é que o assunto a ser falado é de interesse público que pode gerar mudanças na sociedade. Entender a construção e audiência dos podcasts com relação a relatos de crimes, é necessário compreender o cerne do jornalismo investigativo e como ele é empregado é utilizado como ferramenta para produção de outros produtos midiáticos. Esta pesquisa evita aprofundar qualquer discussão acerca da categorização deste conceito no estudo de gêneros jornalísticos ou na retrospectiva histórica. Ainda que reconheça a importância desta última para contextualização da prática do jornalismo enquanto uma ciência aplicada.

No entanto, o estudo proposto neste artigo pretende analisar a relação do jornalismo investigativo e a produção de podcast no aspecto em que a rede proporciona transformações no método de apuração, na relação com as fontes e rupturas se comparada ao jornalismo exercido em outros suportes midiáticos (TV, rádio e jornal impresso).

O podcast utilizado como produto midiático é o “Praia dos Ossos”, é um podcast brasileiro apresentado por Branca Vianna, que reconstituiu a história de um assassinato antes, durante e após o crime ocorrido em 1976 na Praia dos Ossos, em Búzios no estado do Rio de Janeiro. O caso envolveu o assassinato da socialite Ângela Diniz pelo seu então namorado Doca Street, que alegou ter disparado acidentalmente (com quatro tiros) contra ela após uma discussão em uma casa de veraneio. Ao longo dos episódios do podcast, Branca Vianna, a narradora, mergulha profundamente na história do crime, revisitando os detalhes do caso e conduzindo entrevistas com pessoas envolvidas no caso de alguma forma, como amigos, advogados, pessoas próximas a vítima e a Doca Street, e também uma entrevista com o próprio.

De acordo com Leandro Fortes (2005), uma das principais dificuldades da investigação jornalística consiste, justamente, nas bases éticas de uma atividade que tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Diferente do jornalismo factual que reporta as informações de forma mais simples e é ditado pelos acontecimentos, o investigativo o repórter monta uma história que pode gerar mudanças na sociedade e reforça os princípios democráticos.

No segundo momento, este trabalho busca abordar a história desde chegada da imprensa no Brasil, até explicar o principal foco do trabalho, o jornalismo investigativo, quais são as suas características e diferenciais dos demais. Para entender o foco deste artigo é necessário saber as técnicas jornalísticas que podem ser empregadas e quais os seus avanços com a era digital.

A sessão 3 ajuda a entender o que é *podcast*, como surgiu, quais foram os avanços em relação ao rádio e quais as diferenças nas suas linguagens. Explica-se também a sua facilidade de ser ouvido e os diversos nichos que podem ser encontrados nele, além de como o jornalismo tradicional vem se moldado a construir um conteúdo multiplataforma, aderindo à produção de podcasts.

Através do estudo descritivo, a sessão 4 deste artigo busca entender a construção do podcast “Praia dos Ossos”, sendo necessário imergir na história contada e em todos os parâmetros usados para chegar no produto finalizado, como: a linguagem utilizada nos episódios, o método de apuração para proporcionar uma compreensão aprofundada sobre os fatos.

2 O QUE É JORNALISMO INVESTIGATIVO

Ao longo da história, várias formas de comunicação de notícias surgiram em diferentes sociedades e culturas. O jornalismo tem suas raízes na necessidade humana de comunicar e compartilhar informações. Desde as narrativas orais transmitidas por viajantes e mensageiros, passando pelas primeiras publicações manuscritas e impressas, até a era digital atual, o jornalismo evoluiu e se adaptou às transformações tecnológicas e sociais.

A imprensa moderna, tal como a conhecemos hoje, teve seu início com a invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg no século XV, que possibilitou a impressão em larga escala. A partir daí, surgiram os primeiros jornais impressos, inicialmente focados em questões políticas e comerciais. O jornalismo como profissão se desenvolveu no século XIX, com o crescimento das cidades, o avanço da educação e o aumento da demanda por informações (CHATIER, 1994). Jornalistas profissionais começaram a trabalhar em jornais e revistas, investigando, relatando e interpretando eventos e histórias.

O jornalismo no Brasil teve início durante o período colonial, com a vinda da imprensa ao país e a primeira impressão de um jornal no Brasil ocorreu em 10 de setembro de 1808, quando foi publicado o *Correio Braziliense* editado pelo brasileiro Hipólito Costa. (FERRARI, 2009).

Segundo Traquina (2005), o jornalismo é caracterizado por uma série de elementos essenciais. Um deles é a atualidade, ou seja, a necessidade de fornecer informações recentes e relevantes para o público. Além disso, o jornalismo deve ser baseado em fatos verídicos e buscar sempre pela objetividade e imparcialidade, embora esta seja considerada difícil de alcançar. Ele acredita que os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia regem a produção jornalística, desde a pauta até a publicação da matéria.

Os critérios de noticiabilidade referem-se aos elementos que tornam uma história ou evento merecedor de ser noticiado. E podem variar conforme diferentes abordagens e contextos jornalísticos. Já os valores-notícia são os princípios que orientam a seleção e a hierarquização das notícias dentro de um produto noticioso, como por exemplo o de morte e desastres:

Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre

ou quanto mais elevada for a presença de “grandes nomes”, maior é a notabilidade desses acontecimentos.” (TRAQUINA, 2005, p. 83).

O jornalismo factual, também conhecido como jornalismo de rotina ou jornalismo diário, é voltado para a cobertura de eventos e notícias do cotidiano. Seu foco principal está na divulgação rápida e objetiva dos fatos relevantes, geralmente seguindo uma estrutura padronizada e fornecendo informações básicas sobre o ocorrido. O jornalismo factual é responsável por informar os leitores sobre o que está acontecendo no mundo, muitas vezes com um viés mais imediatista.

Enquanto isso, porém, existem histórias que só serão contadas com uma apuração mais detalhada, utilizando técnicas específicas e, em alguns casos, sendo realizadas por vários jornalistas simultaneamente, que buscam revelar algo de interesse público para a sociedade. O jornalismo investigativo, que será o foco do presente trabalho, desempenha este papel fundamental na busca por revelar informações que estão ocultas, por meio, por exemplo, de entrevistas aprofundadas e evidências que comprovem as descobertas da investigação. Dá trabalho e é arriscado, é o que afirma Leandro Fortes:

O jornalismo não é, definitivamente, uma profissão para preguiçosos, muito menos para covardes. Tampouco precisa ser um sacrifício, embora seja comum a muitos jornalistas encarar o ofício como um sacerdócio enlouquecido, sofrido, recompensado apenas com a plena exaustão do corpo e da mente - mas isso há em todo canto. Mas, no caso da investigação jornalística, o trabalho é sempre intenso, misto de suor e paciência, mesmo quando a luta cotidiana pela notícia requeira o cumprimento de prazos. Mas corre-se tanto contra o tempo como a favor da verdade, e nesse equilíbrio que reside o bom resultado de uma investigação. Em alguns casos, a disposição de se fazer uma boa reportagem incorre em uma mudança radical de rotina, principalmente se a empreitada envolver um projeto pessoal de investigação, ainda que sob vários riscos (FORTES, 2005, p. 69).

O termo jornalismo investigativo surgiu do gênero da palavra em inglês “*investigative journalism*”, muitos acreditam que essa derivação é um verdadeiro pleonismo. Essa faceta do jornalismo tem como principal objetivo desvendar e contar fatos acontecidos e que são deliberadamente mantidos em sigilo. A apuração é feita de uma forma aprofundada, demanda mais tempo para ser executada. Uma das características é que o assunto a ser falado é sempre algo do interesse público e que foi ocultado, como foi dito anteriormente. Ele utiliza técnicas inovadoras, como o jornalismo de dados,² o jornalismo cívico,³ jornalismo imersivo⁴ e o jornalismo de soluções⁵ para descoberta de informação para os casos.

Diferente do jornalismo factual que reporta as informações de forma mais simples no dia a dia e é ditado pelos acontecimentos, como por um release, declaração ou uma única entrevista. Para Fortes (2005), o investigativo monta uma história que pode gerar

²O conceito de jornalismo de dados para Meyer (1973), envolve o uso sistemático de dados para investigar, analisar e comunicar informações relevantes ao público.

³ Rosen (1993) destaca-se por enfatizar o engajamento cidadão ativo na produção e consumo de notícias para promover uma esfera pública inclusiva.

⁴ Domínguez (2015) define jornalismo imersivo como uma forma narrativa que busca a imersão através de técnicas interativas e visuais consistentes em promover o papel ativo do usuário no relato e em uma experiência sensorial do espaço.

⁵ Segundo Simões (2022), o jornalismo de soluções assume o protagonismo na notícia, e o problema passa a ser coadjuvante. E que guia o processo produtivo, desde a construção da pauta até a edição e a publicação do material, e busca com eficácia audiência a agir na resolução da questão abordada.

mudanças na sociedade e reforça os princípios democráticos, sejam eles na política, esporte e economia.

Há 50 anos, acontecia um dos maiores e mais marcantes escândalos políticos, denominado de “caso Watergate”, em Washington, na capital dos Estados Unidos. Tudo começou a partir de uma investigação do jornal *The Washington Post* realizada pelos jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein. O escândalo movimentou a política e a sociedade dos EUA e envolveu uma invasão na sede do Partido Democrata localizada no complexo de escritórios Watergate.

O fato aconteceu após cinco homens ligados ao comitê de reeleição do presidente Richard Nixon serem presos durante uma tentativa de roubo. Logo depois foi identificada como tentativa de arrombamento e instalação de escutas ilegais nos escritórios do partido da oposição. Ao decorrer da investigação policial, foi se tornando evidente que esse ato envolvia espionagem política. E os jornalistas Bob e Carl desempenharam um papel de grande importância no caso. Suas reportagens eram baseadas, a partir de informações de uma fonte nomeada de “Garganta profunda”. Ela foi revelada 30 anos após o caso, se tratava de William Mark Felt, o vice-diretor do FBI na época.

Um dos pilares estruturais para a construção de qualquer reportagem jornalística é: 1) ter boas fontes e 2) conhecer pessoas que possam ajudar na caminhada da apuração do caso. Um jornalista com fontes pode se municiar de informações que, a depender do caso, pode gerar materiais exclusivos e/ou novas versões do mesmo fato, a partir de outros ângulos. Quanto mais fontes, maior a possibilidade de construir o texto jornalístico e de descobrir novas informações. É interessante para o jornalista que se tenha contato com pessoas de diversas áreas do mercado, uma vez que as fontes podem ser úteis para diversas pautas que podem surgir no dia a dia de uma rotina jornalística, e essa relação de intimidade com a fonte pode ser construída ao longo da carreira profissional e cultivada para que, num caso de relevância, determinada fonte priorizar e disponibilizar informações para jornalista A e não B.

O Manual da Folha de São Paulo (2022), explica que cultivar a rede de contatos é uma tarefa fundamental, mas é necessário ter cuidado com uma proximidade excessiva com personagens e fontes. O relacionamento não pode extrapolar os limites profissionais e nem interferir no trabalho. O jornalista não pode não pode aceitar favores pessoais em troca de informações, nem aceitar valores para publicar ou omitir alguma notícia.

Com ajuda da fonte, eles revelaram a existência de um sistema de grampeamento de conversas na Casa Branca e a participação de funcionários do governo na tentativa de encobrir o caso. Segundo o jornalista Leandro Fortes (2005) a sombra de Watergate paira como um emblema sobre as redações do mundo inteiro. Mas, não pode haver uma espécie de vale tudo na produção do jornalismo investigativo:

Muito se discute sobre o comportamento do jornalista diante das circunstâncias de uma matéria que exige infiltração, dissimulação e, não raras vezes, doses exageradas de perigo. A utilização de câmeras e gravadores escondidos suscita toda sorte de debate entre estudiosos da mídia, o público e os agentes da Justiça. Desse debate constante retiraram-se mais dúvidas do que respostas, normalmente porque partem de uma avaliação do resultado, e não da ação em si. A tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam o meio (FORTES, 2005, p. 19).

No Brasil, o marco da atividade investigativa se deu durante o Governo do presidente Fernando Collor. Seu mandato ocorreu durante dois anos, após um longo

período de 25 anos de ditadura militar no país. Ele foi o primeiro presidente eleito por voto popular após o regime. A sua trajetória foi marcada por uma série de escândalos e denúncias de corrupção. O jornalista Leandro Fortes, associa que a Era Collor reproduziu dentro das redações do Brasil o mesmo clima de exaltação profissional ocorrido no caso Watergate.

A revista *Veja* publicou no ano de 1992, uma matéria intitulada de “Collor na Lama”, que foi assinada pelos jornalistas Paulo Francis e Mino Carta. A reportagem trazia acusações de corrupção envolvendo o presidente e o seu tesoureiro, Paulo César Cavalcante Farias, mais conhecido como PC Farias. Vários jornais desempenharam um papel essencial na divulgação das denúncias e nas investigações do caso, através de reportagens investigativas, entrevistas, análises e denúncias. Mas nem só de política vive o jornalismo investigativo.

O jornalismo policial pode ser uma das vertentes do jornalismo investigativo que se dedica a cobrir os crimes, as violências, as operações policiais e os processos judiciais relacionados à segurança pública. Tem uma importância social e democrática, pois pode contribuir para o esclarecimento dos fatos, a denúncia das injustiças, a fiscalização das autoridades e a defesa dos direitos humanos. No entanto, o jornalismo policial também enfrenta diversos desafios e dilemas éticos, como a preservação da privacidade das vítimas e dos suspeitos. A jornalista Cleofe Monteiro (2005) trouxe em seu livro “Jornalismo Investigativo: por trás da notícia”, modelos e relatos da rotina produtiva de repórteres investigativos:

Por outro lado, o jornalista não pode denunciar uma situação só porque ela lhe parece corrupta ou incorreta, ou porque alguma fonte de informação lhe tenha sugerido. É sua obrigação ter em mãos provas documentais e toda informação pertinente ao tema. Enfim, mesmo que momentaneamente, o jornalista deve se converter em um expert no assunto que irá reportar - ou, pelo menos, ter em mãos os fatos essenciais que o levem a compreender exatamente o que está acontecendo (MONTEIRO, 2005, p. 93).

Portanto, o jornalismo policial pode ser uma área importante do jornalismo investigativo e requer um trabalho rigoroso, responsável e crítico dos profissionais da comunicação. Ele é um instrumento de informação, de educação e de cidadania para a sociedade, mas também pode ser um veículo de sensacionalismo, de violação e de manipulação se não for feito com ética e respeito.

O setor de produção de narrativas com relação a crimes da realidade é uma área que abrange diversos mercados e produtos midiáticos que cativem o público, como documentários, filmes, podcasts e séries. No Brasil, a produção sobre casos de crimes não é uma novidade no mercado. E algo que alavanca o interesse popular pelo segmento é a forma como o jornalismo investigativo, da vida real, fabrica e veicula esse tipo de conteúdo.

O foco do presente artigo é entender a construção dos podcasts com relação a relatos de crimes. Por isso, foi necessário compreender o cerne do jornalismo investigativo. Agora, é necessário entender como ele é utilizado como ferramenta para produção de outros produtos midiáticos, além dos tradicionais, como os podcast *true crime*.⁶ São usadas técnicas semelhantes? Elas são ressignificadas? Novas formas de

⁶ Morte (2019) afirma que “*true crime*” se encaixa em um gênero de documentário sobre crimes reais e tem como objetivo de caracterizar e verificar de que modo ocorrem os crimes. É um gênero que está cada vez mais presente em diferentes plataformas e que chama a atenção do público e da crítica.

apuração e construção narrativas foram criadas para podcast *true crime*? É necessário analisar a relação do Jornalismo Investigativo e a produção de podcasts nos aspectos em que a internet pode proporcionar transformações no método de apuração, produção, edição e publicação de conteúdo.

3 PODCAST E SUAS CARACTERÍSTICAS

O podcast, conforme Viana (2021), apropria-se de estratégias imersivas que são utilizadas pelo rádio tradicional, mas prioriza o espaço/tempo ilimitado para abrigar as produções nas plataformas digitais. A sua vantagem é que pode ser escutado quando e onde quiser, de acordo com a conveniência do ouvinte. Ele abrange uma ampla variedade de temas, como: notícias, entretenimento, ciência, cultura, esportes e etc. Os ouvintes podem acessar podcasts através de plataformas digitais como por exemplo o *Spotify*, *Google Podcasts*, *Apple Podcasts* e outras plataformas distribuídas na internet. Nelas, eles estão disponíveis para download ou streaming.

Para André Lemos (2002:113), “as tecnologias marcam profundamente a totalidade do corpo social através dos modelos de produção e consumo, das formas de comunicação e da normalização da vida social”. Isso ajuda a entender como o formato se tornou uma configuração de entretenimento e companhia, os consumidores podem ouvir enquanto caminham, dirigem, cozinham e até trabalham. Os apresentadores desenvolvem uma forma de se comunicarem e estabelecerem uma conexão com esses ouvintes, criam um ambiente de intimidade. É importante ressaltar que em sua grande maioria, é encontrado de forma gratuita na internet, totalmente disponível e acessível, tendo a disponibilidade de retornarem a episódios anteriores ou visitar alguma parte específica do podcast.

Tais programas são organizados por episódios e podem abordar um tópico específico ou seguir uma narrativa contínua sobre algum assunto. A duração, frequência, lançamentos e intervalos regulares, são definidos pelos produtores, permitindo que desenvolvam um estilo único e envolvente de conteúdo. Uma das características que mais chama atenção nesse formato é a profundidade e a imersão completa sobre o assunto, mas também existem vários podcasts curtos que fazem apenas um resumo das principais notícias, permitindo que o ouvinte tenha uma experiência com mais detalhes, informações e perspectivas que em outras mídias ele possa não ter conseguido ter essa compreensão. Esse acesso à informação, conta com a participação e entrevistas com profissionais, especialistas e pessoas influentes sobre cada assunto.

Essa nova forma de produzir conteúdo surgiu no ano de 2004, a partir da inquietude do norte-americano Adam Curry, ex-VJ da MTV, descontente com o meio radiofônico da época, ele resolveu criar um conteúdo on-line em áudio, no qual conseguia se comunicar com programadores no mundo inteiro e acabou se tornando, assim, o primeiro podcast. O termo *podcasting* nasceu no mesmo ano quando um jornalista britânico Bem Hammersley escreveu um artigo para o diário *The Guardian* sobre o tema (BONINI 2020). O nome uniu os termos broadcast e pod, em referência ao iPod.

Utilizando um software de computador para gravação de áudio e um microfone, Adam produzia os seus próprios programas de 30 minutos, num formato convencional de um programa de rádio com aberturas, notícias, músicas e vinhetas disponibilizando este arquivo na Internet de forma que qualquer pessoa pudesse acessar. (MONTEIRO, 2005, p. 2)

Para que outras pessoas pudessem ter acesso à novidade, Adam forneceu o conteúdo através da internet com o auxílio de um software que utilizava tecnologia RSS (*Really Simple Syndication*).⁷ Com isso, permitiu que os usuários fizessem o download e ouvissem em seus próprios dispositivos. O programa ofereceu áudio digital e facilidade de assinatura de distribuição, porém, no início, de forma mais precária. Essa modalidade, ainda funciona até hoje, contudo, não faz o mesmo sucesso que agregadores de podcast e serviços de streaming como as de empresas como *Spotify* e *Deezer*.

Tendo em vista esses pontos, é importante ressaltar o marco do serviço de conexão no Brasil, que foi o Programa Nacional de Banda Larga, lançado em 2010. Peixoto (2010), afirma que o contexto político favoreceu a incorporação do tema à agenda de universalização de telecomunicações.

3.1 DIFERENÇAS ENTRE PODCAST E RÁDIO

O jornalismo tem cada vez mais se apropriado de novas plataformas que ajudem a agregar conteúdo e alcançar um público ainda mais amplo. Com isso, pode explorar várias narrativas e investigar de formas mais longas e detalhadas, trazendo consigo também uma abordagem mais íntima e empática com o ouvinte.

No jornalismo, o rádio e o podcast refletem uma mudança significativa na forma como as pessoas consomem conteúdo e como os profissionais de mídia podem entregar o conteúdo jornalístico para quem vai consumi-lo. Apesar do rádio continuar sendo uma plataforma fundamental para a difusão de notícias e entretenimento, os podcasts têm ganhado espaço no meio e se tornado uma alternativa cada vez mais relevante para quem, de alguma forma, deseja se informar sobre assuntos de uma forma ‘menos burocrática’. Medeiros (2006) destaca que a forma de transmissão do rádio que é feita por fluxo e no *podcasting* é por demanda.

A partir do momento em que o rádio passou a ganhar força para difusão jornalística, a mídia passou a ganhar poder no âmbito da disseminação de informações e no contar histórias. Os programas de notícias ao vivo, entrevistas e reportagens passaram a ser transmitidos para um público amplo e de forma instantânea. Com o surgimento das redes sociais, o rádio foi integrando-se às novas plataformas, como transmitir até mesmo através do celular para o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*. Fazendo com que a audiência possa interagir em multiplataformas, tendo em vista que:

Ao utilizar as plataformas digitais como suporte, o rádio apropria-se de estratégias para além do sonoro com o objetivo de proporcionar a participação do ouvinte, seja ela de forma direta por meio da interação, ou indireta, por meio das escolhas relacionadas ao consumo das produções. Nesses ambientes, há, então, a conjugação entre o conteúdo acusticamente elaborado e as possibilidades narrativas oferecidas pelas ferramentas digitais (VIANA, 2020b, p. 5-6).

É importante ressaltar algumas diferenças entre rádio e podcast. Para criar uma emissora de rádio é necessário ter uma concessão emitida pelo governo, através da ANATEL - Agência Nacional de Comunicações. Já para se fazer um podcast não é

⁷ Dan Libby (1999), afirma que *Really Simple Syndication* (RSS) é um formato usado para publicar informações atualizadas para uma discussão mais aprofundada de tecnologia.

necessário, pois com equipamentos que captem áudio, como até mesmo um celular, consegue-se produzir, editar e publicar caso o equipamento esteja conectado à internet, até em casa. Através dessa captação, Freire (2013) destaca a maleabilidade de acesso e produção de conteúdo do podcast em paralelo ao rádio.

Um dos elementos que são da particularidade do rádio e que o podcast leva com lóuor, são os elementos sonoros que fazem toda a diferença. O locutor, por exemplo, consegue chamar a atenção do ouvinte a partir das estruturas de narração e outros elementos. É o que afirma, GAMBARO (2022):

O rádio, desde o princípio, tal qual o podcast hoje, articula os elementos sonoros em uma linguagem própria, tão poderosa como cada som em particular. Mais do que a transmissão das palavras, é o arranjo delas em consonância com efeitos e ruídos, com música e pausas - que, convencionalmente, chamamos de silêncio - que produz sentidos e sentimentos, suprimindo aquilo que pareceria faltar ao rádio: a imagem. Mas será mesmo que tal carência é verdadeira? O teórico Rudolf Arnheim (1980), nos idos dos anos 1930, já nos dizia que à peça sonora nada falta, pois somente um tolo sentiria necessidade de imaginar absolutamente tudo que seus tímpanos captam (GAMBARO, 2022, p. 1).

Tendo em vista esses pontos, é interessante falar sobre as suas linguagens. Paula (2012, p. 45) afirma que a característica que o podcast preserva é a necessidade de mensagem de fácil compreensão, o predomínio da linguagem coloquial, a sensação de proximidade, unissensorialidade, necessidade de redundância. Ela destaca também a possibilidade de exploração criativa de vozes, músicas e efeitos que podem ser adicionados com bom humor e dramatizações. Uma característica forte, são os roteiros, que são utilizados para contar o tempo de cada informação e o formato a ser seguido.

A internet e a transformação das mídias digitais ajudaram na difusão desses novos formatos a se tornarem populares e a facilitar o uso dessas plataformas. Segundo dados divulgados pelo *Spotify*, a plataforma de streaming lançou, no ano de 2020, cerca de 80 novos podcasts apenas na América Latina, sendo metade deles no Brasil (LAVADO, 2020). Aumentou a produção do produto midiático e, em paralelo a isso, o número de ouvintes, pois o consumo de podcasts no *Spotify* aumentou cerca de 200% no mesmo ano.

Uma pesquisa da AbPod, a Associação Brasileira de Podcasters, realizada no ano de 2022, revela que o termo “podcast” segue ganhando cada vez mais espaço e as buscas no Brasil, sendo o 30º país no ranking das pesquisas. Os dados foram retirados do *Google Trends*. O podcast se tornou popular, uma verdadeira tendência no meio digital, fazendo que os próprios veículos de comunicação como, Rede Globo, Folha de São Paulo, Band, Revista Piauí, entre outros, enveredassem também para plataformas que geram o conteúdo como forma de agregar o jornalismo na internet, em forma de áudio para as suas plataformas também. Repaginam as informações de uma forma diferente para aquele leitor e ouvinte, com comentários e aprofundamentos, trazendo especialistas para debaterem sobre vastos assuntos.

A plataforma de retransmissão dos podcasts assume um formato híbrido, que pode ser criado e compartilhado nas plataformas digitais. Além disso, tornou-se uma forma popular de monetização para os criadores de conteúdo e jornalistas. Uma pesquisa realizada pela AbPod com apoio da CBN, revelou que 63,5% dos ouvintes afirmaram já terem adquirido produtos ou serviços anunciados em algum podcast. Os *podcasters*, nome que se dá aos produtores de podcasts, podem buscar parcerias com marcas e empresas

interessadas em alcançar um público-alvo, com a finalidade de monetizar seu conteúdo. Alguns oferecem conteúdo adicional exclusivo ou acesso antecipado a episódios para assinantes.

O jornalismo investigativo vem crescendo na plataforma de podcast, permitindo que os jornalistas tenham liberdade para explorar detalhes e nuances de cada caso reportado, apresentando diversas perspectivas. Tem também outras vantagens, tendo em vista os recursos sonoros, como gravações de campo, entrevistas, efeitos especiais e trilhas sonoras que podem ser utilizados.

A facilidade de comunicar faz com que tenham um acesso direto ao público, no qual podem alcançar uma grande audiência, sem precisar estar de forma direta em uma rádio ou televisão. Tendo em vista que tempo literalmente é dinheiro em redes abertas de comunicação, o podcast se destaca nas suas produções e narrativas com vários episódios, nos quais conseguem apurar e detalhar cada situação, é o que afirma Kischinhevsky:

Este novo gênero envolveria reportagens investigativas com apuração exaustiva de informações, o que permitiria reconstituição – no âmbito narrativo, evidentemente – de cenas e ambiências, bem como reportagens de interesse humano, que mobilizam arquétipos em novas roupagens, numa tática para sensibilizar a audiência e estabelecer vínculos entre ouvintes e personagens representados (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 6).

Uma das particularidades do formato é a enfatizar a narração de cada fato contando a história com técnica que prenda o ouvinte, como o *storytelling*, que é descrito por MANTELLO (2014) como um esforço de recriar cenas, personagens e despertar sensações a quem está ouvindo como se fosse uma conversa. É um trabalho de imersão, uma forma envolvente que constrói um suspense que é válido ficar até o final e sempre esperar mais, sentir-se totalmente envolvido profundamente com a história. E o podcast pode agregar significativamente o trabalho dos jornalistas, pois permite que possam continuar contando histórias de forma cativante e se conectem diretamente com o seu público. Tendo em vista que até o mercado está complexo, hoje pode-se fazer um projeto de jornalismo independente em cima do podcast.

4 ANÁLISE PRAIA DOS OSSOS

Chega o momento de apresentar e analisar o objeto de pesquisa. O percurso metodológico foi baseado em uma análise descritiva, que facilita responder à questão central do trabalho. Para Chizzotti (1995), esse formato de análise aplica-se a comunicação oral, visual, gestual e de textos escritos. Sendo assim, esse trabalho irá buscar compreender se o podcast "Praia dos Ossos" apresenta variações nos modos de produção do jornalismo investigativo, já que se trata de uma "nova" forma de fazer jornalismo.

A fim de cumprir o objetivo da pesquisa foi realizado um estudo minucioso do podcast "Praia dos Ossos", uma criação da Rádio Novelo do ano de 2020, disponível nas plataformas de streaming *Spotify* e *YouTube*. Foram examinados métodos do jornalismo investigativo utilizados, ou seja, se há uma reconfiguração na forma de realizar essa prática na produção do referido podcast.

Nesse sentido, foi solicitada uma entrevista por e-mail e por mensagem no *instagram* para a Rádio Novelo, mas não obtive nenhuma resposta. Tendo em vista isso, foram assistidas entrevistas e lives que falavam com as responsáveis principais pelo podcast, as comunicadoras Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux, sobre as rotinas desenvolvidas para a produção do programa. Também foi realizada a decupagem, ouvindo várias vezes cada episódio do Praia dos Ossos, com o objetivo de analisar toda a construção do podcast.

A Rádio Novelo é umas das maiores produtoras de podcasts com a veia jornalística do Brasil. Foi fundada no ano de 2019, no Rio de Janeiro, e já realizou mais de 20 produções para a própria produtora e para clientes, como por exemplo para a Revista Piauí. A fundadora é Branca Vianna, a voz marcante escutada nos episódios do podcast Praia dos Ossos.

Em 2020, A Rádio Novelo lançou a sua primeira série 100% original que foi a Praia dos Ossos e tornou-se uma referência de narrativa para podcasts em toda a língua portuguesa. Eles já ultrapassaram mais de 3 milhões de downloads em dois anos nas plataformas nas quais estão disponíveis. A produtora é formada por um time de jornalistas, pesquisadores, roteiristas e diretores criativos. A narrativa do podcast analisado conta com 8 episódios que duram em torno de 40min a 1h. Os produtores também agregaram ao conteúdo opções bônus para os ouvintes que conta alguma curiosidade que não entrou nos episódios principais.

Em uma live realizada no canal do Youtube da Rádio Novelo⁸, Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux contaram que a ideia do podcast Praia dos Ossos surgiu em uma conversa entre elas e Paula Scarpin, jornalista e diretora criativa do podcast. Elas não conheciam a história da Ângela Diniz, nem a virada feminista que aconteceu nos anos 1970, porém a história sempre acompanhou a vida de Branca Vianna, tendo em vista que a sua mãe fez parte do movimento na época. E acharam que seria uma ótima história para contar para as próximas gerações.

O caso do assassinato da Ângela Diniz, que aconteceu na Praia dos Ossos, aflorou os sentidos de cada uma a querer entender mais afundo sobre ele. E assim, nasceu o programa “Praia dos Ossos”, que conta a história do crime e o que aconteceu após esse crime. O podcast reconta a história da mulher assassinada e o quanto a situação foi negligenciada pela mídia e pessoas dos anos 1970, enaltecendo o percursor do crime.

O podcast relata a história do caso Ângela Diniz, a “Pantera de Minas”, como era citada em colunas sociais. Ela era uma *socialite* que se envolveu com um homem que tirou a sua vida por ciúmes e pelo fato de não aceitar a forma de viver da parceira. O crime aconteceu em Búzios, na Praia dos Ossos, no dia 30 de dezembro de 1976, em uma casa de praia onde estavam instalados e pretendiam comprar.

O responsável foi Raul Fernando do Amaral Street, um playboy da época mais conhecido como Doca Street. Ele tinha 42 anos e ela 37 anos. Uma das coisas que mais chamaram atenção no caso foi que o acusado chegou a ser colocado pela população como “vítima” com o argumento que a amava e ela o desrespeitava como parceiro com as suas atitudes. Doca era ciumento e Ângela era uma mulher de personalidade forte e à frente

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUjwc1_XSEM>. Acesso em 28/04/2023.

do seu tempo. Foram três anos entre o crime e o julgamento. Casos como esses ainda continuam se repetindo no século XXI e o podcast narra como a história foi comunicada pela imprensa e a reação da população.

Tendo em vista a história, o objetivo do podcast foi recontar para a nova geração o que aconteceu três anos antes do crime. À medida em que foram apurando descobriram coisas que jamais a mídia citou sobre o caso, sobre o quão incrível era Ângela Diniz, carismática e uma mulher que estava à frente da sua da época. Diferente da imagem que a mídia da época dos anos 1970 construiu, na qual Ângela era uma mulher sedutora e livre demais. A apuração dos episódios deu um espaço para conhecerem quem era essa mulher:

Descobrimos uma mulher fascinante, com personalidade forte, que deixou saudades nas pessoas que a conheceram. Claro que, como todo mundo, ela era complexa. Todos somos. Mas ela era também diferente das outras mulheres de sua época e sua classe social. Segundo as pessoas com quem conversamos, ela era mais destemida, parecia seguir seus desejos sem pensar nas consequências, era impulsiva e corajosa, além de divertida e boa companhia (VIANNA, 2021).⁹

Todas as características de Ângela foram literalmente julgadas e usadas contra ela no tribunal para justificar o motivo do crime. Após o crime de 40 anos atrás, as mulheres continuam sendo mortas por seus parceiros no Brasil e no mundo. Um levantamento realizado pelo G1 em março desse ano, destacou que no Brasil 1,4 mil mulheres são mortas apenas pelo fato de serem mulheres - uma a cada 6 horas, em média. É importante ressaltar que o feminicídio caracteriza-se como o assassinato de mulheres pelo simples fato de serem mulheres, em um contexto de desigualdade de gênero e manifestações de violência machista. Esse tipo de crime revela uma realidade alarmante e chocante em nosso país. É o que contextualiza Lagarde (2007):

A violência de gênero é a violência misógina contra as mulheres pelo fato de serem mulheres, situadas em relações de desigualdade de gênero: opressão, exclusão, subordinação, discriminação, exploração e marginalização. As mulheres são vítimas de ameaças, agressões, maus-tratos, lesões e danos misóginos. As modalidades de violência de gênero são: familiar, na comunidade, institucional e feminicida (LAGARDE, 2007, p. 33).

Para retomar a apuração sobre o caso 40 anos depois, elas relataram em live que foram utilizados alguns princípios para iniciar a pesquisa: 1) o que já se tinha de informação sobre o caso, 2) a história do dia do crime, 3) quem era Ângela Diniz? O que ela fazia? Como e onde cresceu? 4) o primeiro julgamento de Doca, 5) o segundo julgamento de Doca. Hunter (2011), afirma que após definir aquilo que você está buscando, e onde começar essa busca, você pode estimar quanto tempo demandarão os passos iniciais da investigação.

A partir disso a equipe iniciou o seu método de pesquisa, que foi por linha do tempo, uma sequência cronológica dos acontecimentos, como por exemplo, o primeiro passo: a história de vida de Ângela, onde nasceu, como cresceu e casou. Foram encontrando várias discrepâncias ao estudar os relatos feitos pela mídia. Foram realizadas

⁹ Entrevista com as criadoras do Podcast para Revista Encontro, disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2021/01/criadoras-do-praia-dos-ossos-falam-da-repercussao-do-caso-angela-diniz.html>>. Acesso em 15/06/2023.

50 entrevistas e 80 horas de material gravado com os mais variados personagens e pessoas envolvidas no caso, amigos, conhecidos, pessoas que acompanharam na época pela imprensa, até mesmo o próprio Doca Street, o réu confesso.

Para Leandro Fortes (2005), é necessário ter paciência e concentração, porque uma boa investigação é demorada e recheada de documentos, dados, estatísticas, legislações e códigos de onde se tira o extrato necessário para a notícia:

Muitas vezes, não é de uma fonte ou de um documento que se obtém a informação, mas do cruzamento de vários deles. Os dados estatísticos devem ser lidos com cuidado, pois escondem tratamentos técnicos e avaliações que passam despercebidos pelos leigos. Melhor compartilhá-los com quem entende do assunto. O ideal é que seja alguém da redação. Senão, vale procurar alguém da área, desde que seja da confiança do repórter, para evitar vazamentos (FORTES, 2005, p.36).

As entrevistas iniciaram no ano de 2018 e foram até 2020 e foram realizadas em torno dos pontos citados acima. A apuração durou cerca de dois anos, entre estudar cada parte da história, viajar para encontrar com entrevistados entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. A equipe relata que como a história aconteceu há anos atrás, os personagens, testemunhas e pessoas que viveram acerca da história já tinham uma idade avançada. Eram idosos entre 80 e 90 anos, algumas, inclusive, chegaram a falecer antes mesmo de conseguir entrevistá-los.

Foi aí que perceberam que esse processo teria que ser adiantado. A maioria dos encontros aconteciam nas próprias casas das pessoas e parte deles nunca tinha falado com a imprensa. Era algo novo para cada um. Branca Vianna chega a falar nas estratégias de bater um bom papo com eles para “quebrar o gelo”, perguntar sobre as suas vidas, sobre itens da sua casa. O intuito era deixá-los à vontade. Monteiro (2005) afirma que é jornalismo investigativo quando o repórter utiliza técnicas e estratégias peculiares, que não fazem parte da rotina dos jornalistas de atualidade, e quando torna públicos acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade. O podcast buscou ouvir o que todos tinham a dizer e, de todas as formas possíveis, alcançar os personagens.

Ir até às casas dessas pessoas demandava tempo. Branca Vianna destacou no podcast que marcava por exemplos 2 horas para cada entrevista, mas se rendesse, a equipe seguia o ritmo da conversa e assim iam encaixando cada informação. Em cada entrevista, tinha um termo de permissão para cada pessoa que se despunha para falar no podcast Praia dos Ossos. E assim seguiam as entrevistas com permissões, montagem de equipamentos de áudio, microfonar cada entrevistado e muitas perguntas. As perguntas eram das mais variadas, como conheceram Ângela? Como ela era, agia, falava, o que a movia? Se conviveram com Doca? Como era esse relacionamento?

Outra parte inusitada da história é que o réu estava foragido 17 dias após o crime e a sua primeira aparição não foi para a polícia, e sim em uma entrevista para a TV Globo, no dia 16 de janeiro de 1977. Teria sido combinado assim: os advogados dele escolheram o repórter. Doca afirmou para imprensa que amava muito Ângela e que era uma mulher que marcou a sua vida e que ele teria ficado fora de si no momento do crime. Ainda reitera que não queria emocionar contando aquilo, só estava falando a verdade.

É relatado no podcast que desde o primeiro julgamento no dia 18 de outubro de 1979 a defesa de Doca Street trazia a reputação e vida de Ângela de todas as formas negativas possíveis, querendo tirar a culpa de cima dele. Muitas mulheres começaram a se mobilizar a favor dela através do movimento feministas e também contra ela. O próprio advogado de defesa de Doca afirmou que o comportamento dela era uma ameaça a honra dele e por esse motivo perdeu a cabeça e a matou.

O Doca matou a Ângela com 3 tiros no rosto e um na nuca na véspera do réveillon de 76 para 77, só que a gente sabe como a justiça pode ser lenta, mesmo em casos com réu confesso, como Doca. Foram tantos recursos que ele acabou indo a julgamento só quase três anos depois em 79. Mas isso não quer dizer que nesse tempo as pessoas esqueceram a história o caso Doca Street virou uma novela que todo mundo acompanhava capítulo, a capítulo. Doca foragido, Doca em prisão preventiva, Gabriela Dyer, a alemãzinha de Búzios jogada no mar. Os advogados lutando para tirar Doca da prisão durante sete meses, a volta dele pra São Paulo e a espera (VIANNA, Branca, 2020 ep. 2).¹⁰

A riqueza de detalhes de informações e de como o podcast foi levado, poderia se encaixar no gênero *true crime* que busca descrever crimes reais. Segundo a IP-USP (2020), é caracterizado por um conjunto de entrevistas, áudios de processos, gravações feitas em tribunais, imagens da cobertura da imprensa dos crimes e diversos outros, o que é encontrado em Praia dos Ossos. Porém, as criadoras não intitulam e não enxergam que ele seja *true crime*. Branca Vianna afirma que o caso já havia sido solucionado, o réu já havia sido preso e, por isso, não se encaixaria nas perspectivas.

“Não tenho nenhum interesse especial por histórias policiais”, mas sim pelo caso ter sido um divisor de água de muitas mulheres. A história é sobre o sistema judiciário do Brasil e como as mulheres continuam morrendo (VIANNA, 2020, ep.1).¹¹

Em live disponibilizada no Youtube, Branca e Flora, respondem perguntas ao vivo feitas pelos internautas. Uma delas foi: queria saber como foi o planejamento da entrevista com o Doca e como fica a balança entre deixar o entrevistado confortável para se abrir, mas também não parecer cúmplice ou apática perante a história? Branca explicou como conseguiu o telefone dele através de uma das entrevistadas e que, no primeiro contato, ele disse que não queria realizar a entrevista. Ela relata que ali, por se tratar de algo mais complexo, elas não quiseram insistir mais.

Porém, a produtora do podcast tentou formas para que essa entrevista acontecesse e aconteceu. Branca relatou como foi conduzida:

É um equilíbrio muito complicado, eu acho que conseguimos o equilíbrio, algumas pessoas concordam e outras discordam. A ideia de entrevistar o Doca é que a gente queria fazer para ele perguntas que só ele poderia nos responder. Então por isso que queríamos muito falar com

¹⁰ Episódio 2, **O julgamento**. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-julgamento>>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

¹¹ Episódio 1, **O crime da Praia dos Ossos**. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos>>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

ele. Não foi uma questão de ouvir o outro lado, porque na verdade não tem o outro lado, mas o único lado é o da Ângela. A gente fez muita pergunta que não apareceram no podcast. Eram perguntas de time line, detalhes e coisas que ouvimos e que eram contraditórias. A entrevista durou muito tempo, foram 2 horas e teve muito isso, coisas que realmente não eram pra entrar. Deixarmos ele à vontade. Foi difícil, pois ele estava nervoso, ele passou a primeira parte da entrevista sem tirar os óculos escuros. [...]. Eu passei a primeira hora (da entrevista) só pensando, como eu faço para ele não ir embora para fazer as perguntas que eu queria fazer?! [...] não queriam condenar ele outra vez após a velhice, [após] 15 anos de cadeia. (VIANNA, 2020).¹²

Elas revelaram que têm uma curiosidade muito genuína com as pessoas e com tudo o que elas falavam. Chegavam às vezes a sair fazendo até tour pela casa das pessoas. Trazer um sentimento de confiança e liberdade, em se abrir e conversar com pessoas que elas nunca haviam visto na vida, mas que estavam dentro da sua casa para contar o que sabiam sobre o crime da Ângela Diniz e tudo que aconteceu na época. Foram várias entrevistas presenciais, por telefone, decuparam todas as matérias da época possíveis e de vários estados do Brasil.

É importante ressaltar, que foi buscado uma forma de conversa informal para ter esse contato mais fácil. Os equipamentos de áudio estavam prontos para captar a conversa fluir e conseguir o máximo de informações, contrapontos da história, críticas, pistas e as contradições. Seguiram o que defende Fortes (2005):

Lembrar sempre de gravar cada uma delas e guardar as fitas em local seguro. Um dos maus hábitos preferidos de quem é flagrado por um repórter é mandar cartinha para a redação dizendo que não disse o que disse. E quanto mais poderoso é o entrevistado, mais vulnerável se torna o repórter. Então, nada de confiar na palavra alheia nesses casos. Gravador neles. (FORTES, 2005, p.38)

E esse desejo de ouvir, falar, investigar e contar sobre cada passo do caso tornou o podcast grande e uma referência para se fazer jornalismo investigativo. Existem outras matérias sobre o mesmo caso da Ângela Diniz que podem ser encontradas *no Youtube*, como por exemplo, o programa policial Linha Direta da TV Globo, no ano de 2003, com a metragem de 36 minutos e 28 segundos. O podcast não tem limites na grade (de uma emissora), tendo em vista isso, conseguiu fornecer o máximo de informações e detalhes sobre o assunto com cuidado em cada episódio, sendo um diferencial na forma de apresentar o material investigativo ao público e que oferece mais profundidade.

Foi feito um estudo minucioso de tudo o que foi divulgado, publicado pela mídia da época dos anos 70 e 80, tudo o que conseguiram encontrar em arquivos disponíveis nos acervos de vários veículos de comunicação, jornais, rádio e televisão. Analisaram tudo o que foi falado sobre Ângela, a vítima e sobre Doca Street, o réu confesso. Os julgamentos seguiram e Doca foi condenado apenas em 1981 por 15 anos de prisão e três

¹² Live Praia dos Ossos - Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUjwc1_XSEM&list=PLD-9mG2PTpdA_r7rabPON8V8_-P66xLBI>. Acesso em: 15 de abr. de 2023

dele em regime fechado, dois em semiaberto e dez em liberdade condicional. E nesses julgamentos a bancada feminista estava presente com faixas, como por exemplo: “Quem ama não mata”, “Ato público em defesa da mulher” e até pixações com a frase “Sem punição + (mais) mulheres morrerão”.

Branca Flora leram todos os livros disponíveis que falavam sobre a assassinato de Ângela Diniz e julgamento de Doca Street, inclusive, até mesmo um livro do próprio que contou todas as suas memórias sobre o acontecimento, chamado “Mea Culpa”. Foi transcrito e decupado cada parte de conteúdo que era encontrado, esses recortes serviam de perguntas e dúvidas que elas buscavam esclarecer durante as entrevistas. Como por exemplo, no episódio 6 intitulado de “Doca”, foi realizada uma entrevista com o próprio, com o intuito, que ele pudesse responder perguntas e dúvidas que ninguém mais além dele poderia. Mas para conseguir ter êxito na entrevista, foi necessário ter muita persistência. Primeiramente, o primeiro contato que foi negado por Doca e após muita insistência da produção do podcast, conseguiram convencer o amigo de Doca a participar da produção e em seguida ele. Branca Vianna relata que passaram cerca de 2h30 conversando com Doca Street, os seus filhos não apoiaram a entrevista, houve negativas quanto a “reviver” o caso. Sempre que as histórias do caso eram contadas, encontrava-se alguma faísca entre as falas e respostas, por isso a importância de não se falar com poucas pessoas, mas sim 55 pessoas para ajudar a recontar a história.

Todos os episódios foram gravados através de um roteiro personalizado, feito por um roteirista de filmes para ajudar nessa organização do que entraria ou não nos episódios. Com o objetivo de contar uma história que valesse a pena ser ouvida e fosse entendida pelo público, que ele ficasse do início ao fim e sempre querendo saber o desfecho de cada situação. Branca Vianna levou a narração de uma forma leve, com clareza e objetividade nas palavras mesmo o assunto sendo pesado, por se tratar de um crime de feminicídio. As músicas, finalizações e mixagens foram pensadas e idealizados pela equipe para que casassem perfeitamente em cada situação, reação, criando um diálogo com a audiência.

Em uma entrevista para o site Meio & Mensagem, em 2021, Branca Vianna citou quais foram os maiores desafios de produzir o podcast, e destacou tempo, dinheiro e a dificuldade a acesso a arquivos, como os principais:

Se você quer fazer uma coisa dessas, os arquivos das emissoras de rádio estão quase todos perdidos, há pouca coisa preservada. Ninguém guardou, ninguém sabe onde está, etc. Uma das rádios falou para gente que, talvez, até tivesse algo, mas dentro de um depósito fechado, em umas caixas com um monte de fitas não catalogadas que eles nem sabiam de que ano era, e que, mesmo que a gente encontrasse, estaria estragado. Driblamos um pouco disso contratando um locutor para ler matérias de jornal que saíram na época, porque os arquivos de jornal são mais fáceis de acessar. A biblioteca nacional, de modo geral, tem revistas antigas, mas os arquivos de áudio são muito difíceis. Mas, acho que as dificuldades principais são tempo e dinheiro: tempo para poder fazer uma pesquisa profunda, para entender muito bem o assunto do qual está tratando e definir de qual ângulo será abordado, e dinheiro para você poder contratar uma

equipe grande, porque é um trabalho que exige muita gente, cada pessoa com a sua especialidade. (VIANNA, 2021).¹³

O Podcast Praia dos Ossos contou com uma boa e eficiente equipe para chegar a bons resultados e rapidamente conquistou uma legião de fãs, a partir das suas características marcantes, como a narrativa envolvente, roteiro bem elaborado, produção de alta qualidade e os personagens marcantes que ajudaram a recontar a história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast “Praia dos Ossos”, da Rádio Novelo, é um conteúdo de jornalismo investigativo que transcendeu os limites do tempo e se destacou de forma relevante, mesmo após mais de 40 anos do caso. Fortes (2005) afirma que a imaginação do jornalismo serve para que se tente ir além do óbvio, para que diga mais sem dizer demais, embora também pode ser perigosa se mal usada. Porém, o podcast analisado evidenciou uma nova reconfiguração nas formas de fazer jornalismo investigativo, principalmente pela sua abordagem detalhada de personagens e contextos, proporcionadas pelo longo tempo disponível no formato podcast para a veiculação da narrativa. Assim, o programa trouxe uma abordagem do assunto, que até então, não foi possível ver em outros canais de comunicação.

Ao longo dos episódios, são reconstruídas de forma contextualizada e com depoimentos inéditos questões essenciais para entender o caso, como a sociedade machista da época, como o caso foi tratado pela imprensa, a virada feminista que aconteceu após o crime. Para base de pesquisa de investigação foi feita uma análise de documentos oficiais, processos judiciais, laudos, registros, colunas sociais, reconstrução de eventos, como exemplo: o seu aniversário de 15 anos, a entrada na delegacia quando Ângela Diniz foi acusada matar um homem e trechos da audiência do julgamento de Doca Street. Tudo isso ajuda a entender como um caso de feminicídio levou o nome do autor do caso a ter mais espaço na mídia da época e não o da vítima. Os aspectos sociais, culturais e políticos permeiam a história com uma abordagem ampla e minuciosa. Isso contribui para o esclarecimento integral do episódio.

Nesse sentido, foi essencial oferecer amplo espaço de fala para personagens, testemunhas e pessoas que viveram ao lado dos principais personagens. Essa maior liberdade para os depoimentos foi possível por conta do podcast permitir narrativas mais longas, quando comparadas ao rádio, por exemplo.

Há também a apropriação de táticas de edição e distribuição de conteúdo já consolidadas no radiojornalismo, telejornalismo e impresso, como a apresentação do conteúdo em formato de série. Esse tipo de formato permitiu a inclusão de múltiplas perspectivas, trazendo à tona uma reflexão sobre muitos assuntos, como: feminicídio,

¹³ Entrevista cedida ao Meio & Mensagem, disponível no link: <<https://www.meioemensagem.com.br/midia/radio-novelo-bastidores-monetizacao-e-divulgacao-de-podcasts>>. Acesso em 10 de jun. de 2023.

machismo, sistema judiciário brasileiro, a sociedade e a mudança de chave no movimento feminista. É importante ressaltar que a narrativa promove discussões profundas, afim de provocar e gerar esse incômodo na sociedade.

Tendo em vista que a produção jornalística investigativa requer uma série de características específicas, como, ser persistente, curioso, e meticuloso na busca de evidências, a produção de “Praia dos Ossos” realiza com sucesso essas funções. E desempenha um papel significativo que contribui para estimular fazer jornalismo investigativo através de *podcasts*. Por meio da plataforma, conseguiu reconfigurar o modelo de abordar um assunto, além do que os horários dos veículos de comunicação permitem com um conteúdo relevante através da sua abordagem criativa, aprofundada sobre os fatos e que alcançou milhões de pessoas.

REFERÊNCIAS

ABPOD. **Busca pelo termo “podcast” cresce 43% no Brasil este ano**, 30 de set. de 2022. Disponível em: <<https://abpod.org/busca-pelo-termo-podcast-cresce-43-no-brasil-este-ano/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

CHARTIER, Roger, **L'histoire entre récit et connaissance**. Modern Language Notes. Vol. 109. N° 4. 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DIAS, M. **Criadoras do podcast Praia dos Ossos falam da repercussão do caso Ângela Diniz**. Revista Encontro, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2021/01/criadoras-do-praia-dos-ossos-falam-da-repercussao-do-caso-angela-diniz.html>>. Acesso em: 31 mar. 2023

DOMÍNGUEZ-MARTÍN, E. **Periodismo inmersivo o cómo la realidad virtual y el videojuego influyen en la interfaz e interactividad del relato de actualidad**. Profesional de la información, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 413–423, 2015. DOI: 10.3145/epi.2015.jul.08. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2015.jul.08>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo; Contexto, 2005.

FREIRE, E. P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2013.

GAMBARO, Daniel. **Mídias Sonoras, Narrativas e Imaginário**. Revista Brasinheira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário. Vol 2, 2022.

HAMMERSLEY, Ben. **Content Syndication with RSS**. Sebastopol: O'Reilly, 2003.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo.** Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, 2018.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida libre de violencia.** Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, vol. XLIX, No.200, maio-ago, 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

MANTELLLO, Francisco. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos.** Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, vol 9, 2014.

MEDEIROS, M. S. de. **Podcasting: Um Antípoda Radiofônico.** Intercom, Bahia, 2006.

MEYER, Philip. **Precision Journalism.** 4. Ed – Colúmbia: Rowman & Littlefield Publishers, 2022. Vol. 24, 2015.

MORTE, Daniel. **Fundamentos teóricos del documental televisivo true crime: Análisis de Lo que la verdad esconde: El caso Asunta.** Trabalho de conclusão de curso (graduação). Curso de Jornalismo. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 2019.

NOVELO, Rádio. **Live Praia dos Ossos - Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux** YouTube, 18 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUjwc1_XSEM>. Acesso em 28 de abr. de 2023.

NOVELO, Rádio. **Praia dos Ossos**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>>. Acesso em: 25 de mar. de 2023.

PEIXOTO, Elisa. **Programa nacional de banda larga: análise sobre a formação da agenda da universalização da banda larga no Brasil.** Brasília, 2010.

PRAIA dos Ossos **A Pantera.** [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 10 out de 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/a-pantera>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

PRAIA dos Ossos: **Ângela.** [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 26 set 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/angela>>. Acesso em: 30 de mar. 2023.

PRAIA dos Ossos: **Doca.** [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 17 out 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/doca>>. Acesso em: : 31 mar 2023.

PRAIA dos Ossos: **O crime da Praia dos Ossos.** [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 12 set 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos>>. Acesso 30 de mar. de 2023.

PRAIA dos Ossos: **O julgamento.** [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 19 set 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-julgamento>>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

PRAIA dos Ossos: **Quem ama não mata**. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 24 out 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/quem-ama-nao-mata>>. Acesso em: 01 de abr. de 2023.

PRAIA dos Ossos: **Rua Ângela Diniz**. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 31 out 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/rua-angela-diniz>>. Acesso em: 02 de abr. de 2023.

PRAIA dos Ossos: **Três crimes**. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 3 out 2020. Podcast. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/tres-crimes>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

SÃO PAULO, Folha de. **Manual da Redação: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. São Paulo; 22ª edição, 2022.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. São Paulo; Summus Editorial, 2005.

SIMÕES, Antônio. **Jornalismo de Soluções**. 1. Ed- Curitiba: Appris 2022.

TALARICO, Fernanda. **O que é o true crime e como ele tem aparecido cada vez mais na cultura pop**. Instituto de Psicologia – USP. 03/06/2020. Disponível em: <<https://www.ip.usp.br/site/noticia/o-que-e-o-true-crime-e-como-ele-tem-aparecido-cada-vez-mais-na-cultura-pop/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis; Editora Insular, v. II, 2005.

VELASCO, C. *et al.* **Brasil bate recorde de feminicídios em 2023, com uma mulher morta a cada 6 horas**. G1, 08 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>. Acesso em: 23 de mar. de 2023.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos**. Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Encontro Virtual, 1 a 10 de dez. de 2020b.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me permitir cursar jornalismo, ter me contemplado com uma realidade de mudar de cidade e estado para viver o tão sonhado curso superior. E nada disso seria possível sem todo o apoio que recebi dos meus pais Leila Marques e José Evanildo, em todos os sentidos, obrigada por todo o esforço para me fazerem quem eu sou hoje e a profissional que venho a me tornar.

Ao meu namorado, Marcos Felipe que foi o meu total apoio desde que cheguei à Campina Grande e foi o meu ombro amigo, incentivo, alicerce e fortaleza em todos os momentos nessa nova vida que se transformou na nossa vida, obrigada.

Aos meus amigos e parceiros de faculdade: Bia, Erickson, Railson, Rossana e Stefhany que se dispuseram a ser a minha família desde 2018, vocês tornaram a minha caminhada mais leve, divertida não só no ambiente da faculdade, mas na minha vida. Obrigada por todos os trabalhos, agonias, angústias, sorrisos, alegrias e pequenas vitórias que puderam compartilhar comigo.

Ao meu orientador, Antônio Simões, a minha eterna gratidão por não desistir de mim, por entender a minha rotina de trabalho. Obrigada por todo cuidado, paciência e dedicação, por todo auxílio e por ser tão humano! Te admiro e respeito.